

GRAMSCI, O ANTI-CROCE E A FILOSOFIA DE LUKÁCS¹

Nicolas Tertulian²

RESUMO: Este artigo defende que a atitude de Gramsci em relação a Croce é ambivalente e repleta de nuances rejeitando a imagem de um determinismo monocausal e unilateral, à que Croce reduz o marxismo, e também protesta energicamente contra a identificação entre economia, no sentido de Marx. O artigo defende, por isso, que apenas György Lukács pôs em prática efetivamente e, até certo ponto, realizou o projeto considerado por Gramsci sob a denominação de *Anti-Croce*, invalidando assim o ceticismo do próprio Croce.

Palavras-chave: Gramsci. Croce. Lukács. Marxismo.

O desejo de ver os marxistas se consagrarem à elaboração de um vasto e aprofundado *Anti-Croce*, enunciado por Antonio Gramsci numa página célebre dos *Cadernos do cárcere*, o que deveria levar dez anos de trabalho, parece não ter sido atendido.

Ao esboçar esse programa, Gramsci pretendia submeter o marxismo, desvitalizado pela vulgarização e pelo dogmatismo, a um tratamento estimulante. O diálogo crítico com o autor da *Filosofia como ciência do espírito*³ teria permitido retomar os grandes temas do pensamento de Croce, obscurecidos ou ignorados pela reflexão marxista da época, e transpô-los, desembaraçados do seu idealismo especulativo, para a linguagem realista e concreta da filosofia da *praxis*: “Em suma, deve-se realizar, com relação à concepção filosófica de Croce, a mesma redução que os primeiros teóricos da filosofia da práxis realizaram com relação à concepção hegeliana.

¹ Texto da comunicação apresentada no colóquio organizado em Siena sobre o tema “Gramsci e o marxismo contemporâneo”. O texto faz parte das Atas do colóquio publicadas pelas Editori Riuniti em Roma no ano de 1990, num volume intitulado “*Gramsci e il marxismo contemporaneo*”, a cura di Biagio Muscatello, pp. 313-326. Uma tradução alemã foi publicada na coletânea intitulada “*Antonio Gramsci heute. Aktuelle Perspektiven seiner Philosophie*”, Herausgeber Hans Heinz Holz, Giuseppe Prestipino, 1995, Bonn, Pahl-Rugenstein Nachfolger, pp. 99-115. Tradução para o português de Pedro Campos Araújo Corgozinho. Tradução de Ester Vaisman.

² Diretor de Estudos da École des Hautes Études em Sciences Sociales (Paris, França).

³No original “*Filosofia come scienza dello spirito*”, obra de Benedetto Croce sem tradução para o português. (N. do T.)

Esta é a única maneira historicamente fecunda de determinar uma retomada adequada da filosofia da práxis”⁴.

Marcado pela influência de Croce, Gramsci não hesitava em ver no pensador italiano o único verdadeiro continuador da filosofia clássica alemã na época contemporânea: “É necessário que a herança da filosofia clássica alemã seja não apenas inventariada, mas reconvertida em vida ativa; e, para isto, é preciso acertar as contas com a filosofia de Croce, isto é, para nós, italianos, ser herdeiros da filosofia clássica alemã significa ser herdeiros da filosofia crociana, que representa o momento mundial hodierno da filosofia clássica alemã”⁵.

Croce tomou conhecimento desse convite feito por Gramsci aos seus companheiros graças à coletânea publicada em 1948, pela Einaudi, com o título *O materialismo histórico e a filosofia de Benedetto Croce*⁶; ele refutou, não sem presunção, a ideia de um *Anti-Croce*, cujo impacto na atmosfera cultural da época deveria ser, *mutatis mutandis*, comparável àquele do *Anti-Dühring* de Engels no fim do século XIX; o projeto lhe parecia extravagante e irrealizável. Aos seus olhos, o marxismo era, no máximo, uma política, mas de forma alguma uma verdadeira *filosofia dello spirito*⁷ comparável à sua: “Eu estou convencido – escrevia ele em 1949 nos *Quaderni della critica* – que se Gramsci tivesse repensado essa ideia que lhe passou pela cabeça, ele a teria deixado de lado com um sorriso, não apenas como arriscada, mas como impossível de realizar, pois, entre outros, ele próprio se nutriu e se nutria sempre dessa cultura (que custou e custava muito trabalho de pesquisa e de espírito), ainda que ele se esforçasse a fazê-la progredir por uma via que não era uma via a percorrer, mas o choque contra um muro, erigido nele por uma fé certamente respeitável, mas política e não filosófica ou científica”⁸.

⁴ GRAMSCI, Antonio. *Cahiers de Prison, Cahiers 10, 11, 12, 13, Avant-propos, notices et notes de Robert Paris, traduction de l'italien par Paolo Fulchignoni, Gérard Granel et Nino Negri*, 1978, nrf, Gallimard, p. 39 (p. 304 da edição brasileira). A expressão “filosofia da *praxis*” era um eufemismo para designar o pensamento de Marx; o autor dos *Cadernos*, encarcerado pelo regime fascista, era contrário ao uso de uma linguagem esópica. (Para todas as citações de Gramsci, foi adotada a tradução dos *Cadernos do Cárcere* de Carlos Nelson Coutinho, da editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1999; a paginação da edição brasileira aparece entre parênteses depois da referência à edição francesa. N. do T.)

⁵ Ibid. p. 40 (p. 304 da edição brasileira).

⁶ “*Il materialismo storico e la filosofia di Benedetto Croce*”, no original (N. do T.)

⁷ *Filosofia do espírito*. (N. do T.)

⁸ “*Sono persuaso che se il Gramsci avesse ripensato su questa idea passatagli per la mente, l'avrebbe messa da parte con sorriso, come non solo di rischiosa ma d'impossibile attuazione, perché, tra l'altro, egli stesso di quella cultura (che era costata e costava non poco lavoro di studi e d'ingegno) si era nutrito e pur sempre si nutriva, sebbene si sforzasse di farla progredire per una via che non era una via da percorrere, ma l'urto contro un muro, eretto in lui da una fede certamente rispettabile, ma politica e non*

Como sabemos, Croce sustentava que, para ele, o pensamento de Marx havia desempenhado um papel preponderantemente negativo, de agente destruidor de preconceitos (por exemplo, a concepção moralista da história, que, por definição, oculta a importância decisiva das relações de força), mas que tal pensamento não havia deixado nenhum vestígio na estrutura profunda da sua própria filosofia, que se constituiu como antípoda ao materialismo histórico. Nas suas notas sobre Croce, Antonio Gramsci contesta essa tese; ele insiste, ao contrário, na influência fecunda do materialismo histórico sobre o pensamento de Croce, chegando a afirmar que este lhe devia sua gênese; assim, alguns conceitos do materialismo histórico teriam migrado aberta ou sub-repticiamente na estrutura do pensamento de Croce, certamente transfigurados e sublimados no espírito do idealismo especulativo. Lemos, nos *Cadernos do cárcere*: “Parece-me que, sob a forma e a linguagem especulativas, é possível descobrir mais de um elemento da filosofia da práxis na concepção de Croce. Poder-se-ia talvez dizer ainda mais e esta investigação seria de grande significação histórica e intelectual na época presente: isto é, assim como a filosofia da práxis foi a tradução do hegelianismo para a linguagem historicista, a filosofia de Croce é igualmente, em considerável medida, uma retradução para a linguagem especulativa do historicismo realista da filosofia da práxis”⁹.

Ao conceber uma troca no sentido inverso, Gramsci parece ver na filosofia de Croce o melhor antídoto contra o reducionismo do marxismo dogmático, pois é assim que ele o repete: “Croce retraduziu em linguagem especulativa as aquisições progressistas da filosofia da práxis, *residindo nesta retradução o melhor do seu pensamento*”¹⁰ (destacado pelo autor, NT). Mas ele também chama a atenção para o fato de que Benedetto Croce teria polemizado com uma versão degradada do pensamento de Marx, e comparava suas acusações com aquelas de alguns intelectuais cultos contra o catolicismo popular: “É certo que se formou uma corrente deteriorada da filosofia da práxis, que pode ser considerada, em relação aos fundadores da doutrina, tal como o catolicismo popular em relação ao catolicismo teológico ou dos intelectuais: assim como o catolicismo popular pode ser traduzido em termos de paganismo, ou de religiões inferiores ao catolicismo por causa das superstições e da bruxaria pelas quais estavam ou estão dominadas, igualmente a filosofia da práxis deteriorada pode ser

filosofica o scientifica”. B. Croce, *Il signor Dühring*, in *Varietà di storia letteraria e civile*, 1949, Bari, Laterza, pp. 250-51.

⁹ Ibid. p. 39 (p. 304 da edição brasileira).

¹⁰ Idem, p. 75 (p. 341 da edição brasileira).

traduzida em termos ‘teológicos’ ou transcendentais, isto é, das filosofias pré-kantianas e pré-cartesianas”¹¹.

Ao falar numa “filosofia da práxis deteriorada”, Gramsci provavelmente fazia alusão a uma forma deteriorada de marxismo, identificada a um materialismo sumário e redutor, através do qual as formas da consciência, ou seja, as superestruturas apareciam como simples epifenômenos de um substrato material autárquico (é assim que se deve compreender sua comparação entre esse marxismo corrompido – “deteriorado” – e uma atitude semi-teológica ou transcendental em filosofia, sinônimo de uma regressão ao nível do pensamento pré-kantiano ou pré-cartesiano). Temos a impressão que sob a influência de Croce, que considerava que “historicismo” e “materialismo” são incompatíveis, o próprio Gramsci hesitava em utilizar o conceito de materialismo a propósito da “filosofia da práxis”. Por várias vezes ele lembra, de forma aprobativa, uma observação de Croce, feita ainda nos seus estudos de juventude, a propósito de Friedrich Albert Lange: este teve razão em não incluir o materialismo histórico na sua *História do materialismo*, na medida em que o pensamento de Marx se distanciava do materialismo no sentido tradicional do termo. Suas reticências em empregar o conceito de materialismo, a propósito do pensamento filosófico de Marx, aparecem claramente numa passagem das suas reflexões sobre o manual de Bukharin: “É notório, por outro lado, que o fundador da filosofia da práxis jamais chamou sua concepção de ‘materialismo’ e que, falando do materialismo francês, criticou-o, afirmando que a crítica deveria ser mais exaustiva. Assim, jamais usou a fórmula ‘dialética materialista’, mas sim ‘racional’, em contraposição a ‘mística’, o que dá ao termo ‘racional’ uma significação bastante precisa”¹².

A atitude de Gramsci em relação a Croce é profundamente ambivalente e repleta de nuances. Ele rejeita, conforme vimos, a imagem de um determinismo monocausal e unilateral, à que Croce reduz o marxismo, e também protesta energicamente contra a identificação entre economia, no sentido de Marx, e um *deus absconditus* da história (Croce criticava os marxistas pela “entificação da economia”), o que transformaria a economia numa simples inversão materialista da Ideia hegeliana; ele insiste legitimamente no intercondicionamento e a inter-relação recíproca dos diferentes componentes da vida social: “... não é verdade que a filosofia da *praxis* ‘separa’ a estrutura das superestruturas já que, ao contrário, ela concebe seu desenvolvimento

¹¹ Idem, p. 94 (p. 361 da edição brasileira).

¹² Idem, p. 209 (p. 129 da edição brasileira).

como sendo estreita e necessariamente interdependente e recíproco”¹³. É nesse sentido que Gramsci faz plena justiça às exigências legítimas do historicismo crociano (por exemplo, à valorização da dimensão “ética-política” da história), assim como à sua tentativa de recuperar a riqueza dialética da filosofia clássica alemã; ele parece mesmo aprovar, até certo ponto, a reforma da dialética hegeliana, a crítica da absolutização da “dialética dos opostos”, e a recuperação dos momentos da distinção (“porque é verdade que não são apenas opostos, mas também distintas”). Ele quer destacar, antes de mais nada, as profundas afinidades entre as exigências do historicismo de Marx e a definição da filosofia como “*metodologia da historiografia*” formulada por Croce; ele insiste na analogia entre a tese do primeiro, sobre o caráter eminentemente histórico das verdades filosóficas, e a historicização das ideologias (inclusive da filosofia) pelo segundo. “Também deste ponto de vista revela-se como Croce soube tirar bom proveito de seu estudo da filosofia da práxis. De fato, a tese crociana da identidade entre filosofia e história será algo mais do que um modo, o modo crociano, de colocar o mesmo problema posto pelas teses sobre Feuerbach e confirmado por Engels em seu opúsculo sobre Feuerbach? Para Engels, ‘história’ é prática (a experiência, a indústria); para Croce, ‘história’ é ainda um conceito especulativo”¹⁴.

Na mesma ordem de ideias, Gramsci levanta a conexão entre a famosa teoria de Croce sobre “*a origem prática do erro*” e a tese marxista sobre a influência dos interesses práticos (no sentido amplo do termo: as aspirações de um determinado grupo social) sobre a articulação das representações no real; a forma como Croce mostrou que a procura da verdade pode ser inclinada e alterada sob a ação de interesses práticos precisos (portanto, que o erro sempre tem uma origem *prática*), parece-lhe uma aplicação da teoria marxista das ideologias como tomada de consciência teórica de conflitos sociais reais.

Apesar de suas numerosas observações críticas, Gramsci não chega a estruturar uma confrontação com os fundamentos filosóficos do pensamento de Croce, ele reservava provavelmente ao futuro *Anti-Croce* a tarefa de reconstruir a gênese da teoria das quatro formas essenciais do espírito (*l’utile, l’arte, la morale e il pensiero*¹⁵), de suas relações de circularidade, assim como a demonstração de sua vulnerabilidade.

¹³ Ibid. p. 1300.

¹⁴ Ibid. p. 75 (p. 341 da edição brasileira).

¹⁵ *O útil, a arte, a moral e o pensamento*. (N. do T.)

A um dado momento Gramsci compara Croce a um intelectual do Renascimento (mais precisamente a Erasmo), que defendia os valores absolutos do espírito (a religião da liberdade em primeiro plano), mas, desconfiando de sua contaminação pelos interesses práticos, *id est* pelas lutas sociais; o desprezo do último Croce pelo marxismo, que ele acusava justamente de poluir os valores absolutos pelo jogo dos interesses práticos (a luta de classes), lembrava-o do desprezo de Erasmo pela reforma luterana (“*dove appare Lutero, muore la cultura*”¹⁶). Porém, sem o poderoso movimento de massa (“prático”) da Reforma protestante, o ideal da liberdade, inclusive aquele da filosofia clássica alemã, nunca teria vencido na Europa. Apoiando-se nesse exemplo, Gramsci tentava mostrar, em polêmica com Croce, que o triunfo dos valores absolutos do espírito (no sentido crociano do termo: o ideal ético da liberdade, a poesia, a filosofia) não pode ser dissociado do combate pela emancipação social.

A afirmação da verdadeira *humanitas* do *homo humanus* é um problema ao mesmo tempo “empírico” e “especulativo” (para conservar a terminologia de Croce), prático e teórico. Mesmo tendo evocado as mediações, recusadas ou ocultadas por Croce, que religam os dois planos, Gramsci não dispunha dos conceitos, solidamente articulados, de *gênero humano* e de *consciência de si do gênero humano*, para poder operar as distinções reclamadas entre ideologias de função prática imediata e atividades superiores da consciência (atividades éticas de alcance universal, arte, filosofia).

No que concerne à recusa de Croce em levar em conta as fontes reais, de caráter sócio-histórico, da dialética do espírito, talvez fosse útil lembrar aqui uma passagem de sua *Nota autobiográfica*, redigidas em 1934 e publicadas em anexo ao seu livro *Contribuição para a crítica de mim mesmo*¹⁷. Nesse livro ele polemiza com as objeções que seus companheiros de esquerda na oposição antifascista parecem ter-lhe feito: “A intenção que guiou meu trabalho não foi sempre compreendida por aqueles mesmos que se encontravam no campo de oposição, pois muitos dentre eles portavam no sangue o mesmo espírito politiquês (*politicismo*) que existe em seus adversários, e estimam muito pouco a eficácia da vida religiosa e moral, da filosofia e da crítica, e continuam a pensar a história como luta cega dos interesses econômicos e como abuso (*sopraffazione*) perpetrado por um ou outro partido, ou uma ou outra classe. Deparei-me várias vezes com a objeção de que meu conceito da liberdade estava em desuso (*antiquato*) e formal, e que era preciso modernizá-lo e lhe dar um conteúdo com a

¹⁶ “*Onde aparece Lutero, morre a cultura*”. (N. do T.)

¹⁷ *Contributo alla critica di me stesso*, obra de Benedetto Croce. (N. do T.)

introdução da satisfação das exigências e das necessidades dessa ou daquela classe ou desse ou daquele grupo social. Mas o conceito da liberdade tem como único conteúdo a liberdade, da mesma forma que o da poesia unicamente a poesia; e se é preciso despertá-lo nas almas com a sua pureza, que é seu vigor ideal, é preciso evitar confundilo com as necessidades e as exigências de outra ordem...”¹⁸.

Apenas um pensador que conhecemos pôs em prática efetivamente e, até certo ponto, realizou o projeto considerado por Gramsci sob a denominação de *Anti-Croce*, invalidando assim o ceticismo do próprio Croce. Nossa afirmação deve ser compreendida num sentido bastante amplo. György Lukács, quem levantou o desafio, embora nunca tenha empreendido uma análise crítica, sistemática e detalhada da “*filosofia do espírito*” de Croce (as páginas sumárias que ele lhe consagra na *Destituição da razão* não podem de forma alguma ser levadas em conta). No entanto, suas duas obras de síntese, elaboradas no fim de sua vida, a *Estética* e a *Ontologia do ser social* (onde também estão esboçadas as ideias principais de uma *Ética*), assim como a reconstrução da filosofia alemã, realizada num livro anterior, *O jovem Hegel*, e a crítica do irracionalismo, proposta na *Destituição da razão*, objetivamente representam, aos nossos olhos, a mais sólida e mais completa réplica marxista aos teoremas desenvolvidos por Croce ao longo de sua obra.

Por mais surpreendente que isso possa parecer e sem querer de forma alguma anular a oposição que existe entre as direções de seus pensamentos (Croce permaneceu até o fim um partidário convicto do idealismo na filosofia ou, na sua própria terminologia, do “*espiritualismo absoluto*”, enquanto Lukács defendeu na sua obra de maturidade o ponto de vista do materialismo dialético), nós arriscaríamos a afirmação de que existem numerosos pontos de contato entre as duas démarches filosóficas.

É verdade que as ofensivas lançadas a cada vez que seus caminhos se cruzavam foram de uma extrema violência. Basta lembrar a resenha de Croce, publicada em 1949 nos *Quaderni della critica*, ao livro de Lukács, *Goethe e sua época*, onde ele pretendia desacreditar o método marxista do autor; basta lembrar, ainda, suas vituperações contra as “*elucubrações, que afirmam se relacionar a dialética hegeliana com a economia (...)*, do notável filósofo marxista húngaro-russo Lukács”¹⁹, num texto igualmente publicado

¹⁸ Benedetto Croce, *Contributo alla critica di me stesso, Note autobiografiche*, trad. fr. *Contribution à la critique de moi-même*, 1949, Nagel.

¹⁹ Cf. Benedetto Croce *Indagini su Hegel e schiarimenti filosofici*, 1967, Bari, Gius. Laterza & Figli, p.82. A resenha de Croce do livro de Lukács sobre Goethe está reproduzida no volume *Terze pagine sparse*, II, p.47-50.

em 1949, nos *Quaderni della critica*; do outro lado, são notáveis os ataques contra a teoria da história de Croce em *O Romance histórico* e, sobretudo, contra seu pretensão “irracionalismo” na *Destituição da razão*.

A história da filosofia conhece poucos exemplos de pensadores que, tendo muitos traços em comum, enganaram-se totalmente um em relação ao outro. Cada um esboça um retrato frequentemente caricatural e sempre perfeitamente injusto do seu adversário.

De início, eles tinham em comum a adesão à filosofia de Hegel. Depois da publicação da *Ontologia do ser social*, nossa convicção de que existem afinidades estruturais entre a reforma proposta por Lukács no capítulo “*A falsa ontologia e a verdadeira ontologia de Hegel*”, que intencionava distinguir entre a ontologia autêntica de Hegel e aquela logicizante e teleológica (a falsa), e a reforma da dialética hegeliana proposta por Croce no seu livro *O que está vivo e o que está morto na filosofia de Hegel*²⁰, se fortaleceu. E isso apesar do julgamento bastante expeditivo de Lukács, que na *Destituição da razão* afirma que Benedetto Croce teria rejeitado como mortas as ideias de “*dialética e objetividade*”, deixando vivo apenas um “*irracionalismo liberal temperado*”. Parece-nos, ao contrário, que Croce sempre considerou “a dialética dos opostos”, o princípio de contradição, que a seus olhos é o nervo vital da dialética, como a herança mais importante de Hegel, rejeitando como caduco o panlogismo, mais precisamente a subordinação do devir a um princípio teleológico e transcendente, que seria a conclusão final do movimento. Porém, o que empreendeu o próprio Lukács no capítulo da *Ontologia*, redigido sessenta anos depois do livro de Croce, senão a distinção pertinente do núcleo válido da dialética hegeliana do seu invólucro logicizante e teleológico, cujo idealismo consubstancial já havia sido questionado por Marx e cujo pensador italiano havia, ele também, atacado?

Certamente existe uma diferença radical entre a crítica da dialética hegeliana que permanecia no interior do idealismo filosófico (Croce), e aquela cujo fim era a edificação de uma ontologia materialista (Lukács). No entanto, é apenas a partir dessa assimilação que lhes é comum, *in succum et sanguinem*, da substância hegeliana, que chegamos a explicar a adversidade ativa dos dois pensadores contra alguns grandes representantes do irracionalismo. Se nos lembrarmos da crítica de Croce em relação ao segundo Schelling (“*Dal primo al secondo Schelling*”²¹, já em 1908!), seus sarcasmos

²⁰ *Ciò che è vivo e ciò che è morto nella filosofia di Hegel*, Benedetto Croce.

²¹ *Do primeiro ao segundo Schelling*, Benedetto Croce. (N. do T.)

endereçados a Schopenhauer, seu julgamento negativo sobre Nietzsche (“*Ao tipo de pseudofilósofo [...] se liga também Friedrich Nietzsche [...] [que] diminui valores espirituais e expressa ideais de rapacidade e de ferocidade, sem estabelecer algum filosofema que seja válido [...]*”), sua reação violenta em 1934 contra o *Discurso do Reitorado* de Heidegger, sua crítica do neo-kantismo de Windelband e Rickert, suas polêmicas contra Spengler e Klages (inclusive na sua comunicação sobre “*O Anti-historicismo*” no congresso de Oxford em 1930), então, o paralelo com o processo instruído por Lukács contra o irracionalismo se impõe²².

Outros traços comuns aparecem entre esses dois pensadores em razão da assimilação que fizeram do hegelianismo ativo, que também era uma rejeição do hegelianismo teleológico e logicizante: o projeto de desenvolver uma filosofia puramente *imane*nte, livre das escórias da transcendência e do finalismo estático; a afirmação da historicidade como princípio fundamental do ser, tendo como corolário a unidade profunda entre a história e o pensamento, portanto, a impossibilidade de encerrar a riqueza do real num sistema fechado e definitivo (pode-se reencontrar a idéia crociana da “*indefinitività della filosofia*”²³ também em Lukács); a rejeição da idéia hegeliana de uma *hierarquia* das atividades da consciência (os dois pensadores protestam, cada um na sua *Estética*, contra a subordinação da arte à filosofia, logo contra o fetichismo da Ideia lógica, e Lukács vai destacar várias vezes na sua *Ontologia* que a prioridade ontológica da economia – da produção e reprodução das condições materiais da existência – afirmada pelo marxismo, não tem nada a ver com um julgamento de valor, que privilegiaria a esfera econômica em detrimento de outras formas de atividade social; assim, ele também atacava, como aliás havia feito Gramsci antes, um dos preconceitos mais tenazes de Croce, concernente à pretensa hierarquia de valores instituída pelo marxismo a favor da economia. Da mesma forma, na *Ontologia*, ao estabelecer a perfeita igualdade dos diferentes complexos sociais, e ao destacar com grande vigor o papel decisivo da *ética*, ele tornou improcedente a acusação de “*economicismo*”, feita por Croce contra o marxismo); a defesa sem trégua do *humanismo*, contra a ressurreição do maneirismo e do barroco (associados à Contra-Reforma), contra as diferentes maneiras de restaurar o misticismo e a religião, mas também contra as correntes da arte moderna que parecem ter perdido a medida da

²² Cf. Nicolas Tertulian, *Benedetto Croce, critique de l'irrationalisme* in *Les Temps Modernes*, No. 575, junho de 1994, pp. 95-121.

²³ *Indefinitividade* da filosofia, irresolução da filosofia. (N. do T.)

verdadeira *humanitas* do *homo humanus* (portanto, com antecedência, contra diferentes aspectos da pós-modernidade).

Para compreender esse jogo complexo de afinidades entre dois pensadores que tinham posições opostas, talvez fosse preciso voltar à afirmação de Gramsci concernente à influência durável da filosofia marxista da *praxis* sobre a própria estrutura do pensamento de Croce. Um texto que ele julga de primeira importância para compreender o sentido de sua afirmação é o prefácio escrito por Croce em 1917 para a terceira edição do seu livro *Materialismo histórico e economia marxista*. Nele efetivamente encontram-se declarações que colocam em evidência o que Benedetto Croce deve à reinterpretação do hegelianismo no sentido de uma filosofia da historicidade e da pura imanência: “Se agora eu busco as razões objetivas do interesse ao qual eu fora levado pelo marxismo e pelo seu materialismo histórico, vejo que esse processo ocorreu porque através do seu sistema eu senti a fascinação pela grande filosofia histórica do período romântico, e assim eu acabava de descobrir um hegelianismo mais concreto e mais vivo que aquele que habitualmente eu encontrava nos pesquisadores e expositores, que reduziam Hegel a um tipo de teólogo ou de metafísico platônico”²⁴.

O projeto ontológico de Lukács, tal qual se concretizou na *Estética* e na *Ontologia do ser social*, apresenta-se como uma vasta análise das categorias fundamentais da atividade humana, observadas na sua gênese, sua autonomia e suas interações. Encontramos na *Ontologia* algumas análises consagradas às relações entre economia e ideologia, bem como desenvolvimentos sobre o lugar da política, do direito, da arte ou da filosofia no conjunto das atividades sociais, e na *Estética* encontramos uma verdadeira fenomenologia da subjetividade, em que as relações entre a arte, a ciência, a moral e a religião ocupam um papel de primeiro plano. Constatamos que Lukács de fato retoma todos os grandes temas da “filosofia do espírito” de Croce, mas os integrando numa perspectiva diferente: aquela do pensamento de Marx. É nesse sentido que a obra de maturidade de Lukács nos apareceu, objetivamente, como um *Anti-Croce* que, como desejava Gramsci, conserva a substância válida do pensamento do filósofo napolitano.

Na *Ontologia*, Lukács mostra que o princípio constitutivo da vida social é a atividade teleológica do homem, cuja célula geradora é o trabalho; a dialética entre a

²⁴ Benedetto Croce, *Materialismo storico ed economia marxistica*, X Edizione, 1961, Bari, Gius. Laterza & Figli, prefácio à terceira edição datado de setembro de 1917, p. XII.

teleologia (finalismo dos atos humanos) e a causalidade (propriedades e relações objetivas dos fenômenos) encontra-se no centro de suas reflexões. A partir dessa premissa, ele pode demonstrar que o pensamento de Marx não pode ser interpretado nem como um determinismo unívoco, em que as atividades da consciência seriam apenas epifenômenos do automovimento da economia (essa era a objeção fundamental de Croce), nem como um finalismo ou um cripto-hegelianismo, em que cada etapa da vida social não teria outra função senão a de preparar a etapa seguinte, até a realização de um estado paradisíaco, a sociedade sem classes (que era outra objeção de Croce).

Ao situar no centro da sua teoria da vida social o conceito de “*teleologische Setzung*” (pôr teleológico), podemos dizer que Lukács satisfaz a exigência de Gramsci de uma interpretação do marxismo como uma filosofia da subjetividade, evidentemente uma subjetividade de múltiplas raízes na rede de determinações objetivas; entre a ontologia do ser social de Lukács e a filosofia da *praxis*, tal como a entendia Gramsci, existem afinidades evidentes sobre esse ponto essencial.

Para ilustrar a nossa tese segundo a qual o pensamento de maturidade de Lukács realizou de certa forma o programa definido por Gramsci com o *Anti-Croce*, vamos tomar um último exemplo, a partir do problema das categorias, que assume um papel importante tanto no pensamento de Croce quanto no de Lukács.

Croce repetidas vezes admitiu que o estudo da concepção materialista da história, na sua juventude, revelou-lhe o peso da atividade econômica no conjunto das atividades humanas; sua decisão de conceder um lugar igual à atividade econômica ou utilitária no seu sistema de categorias (o *útil* ampliado posteriormente em *vitalidade*), bem como às três outras categorias do idealismo tradicional (o *belo*, o *verdadeiro*, o *bom*), não deixa de estar relacionada, assim como ele próprio reconheceu, com essa influência. Mas o *útil* no sistema de Croce se torna uma atividade eminentemente espiritual, sem raízes no concreto material, emancipada das determinações causais que por definição condicionam o ato do trabalho. Ao demonstrar na *Ontologia* que o trabalho é a matriz fundante da antropogênese, e ao definir o trabalho como uma relação entre teleologia e causalidade, entre intencionalidade da consciência e a cadeia de determinações causais do real, Lukács atingiu o idealismo filosófico na raiz. Sem o reconhecimento da autonomia ontológica do real, tese fundamental do materialismo, recusada, no entanto, com violência por Croce (“... a *res* como *res* não existe” decretava

com soberba o autor do ensaio *Le due scienze mondane, l'Estetica e l'Economica*²⁵, publicado em 1931, cf. *Ultimi saggi, III Edizione*, 1963, Bari, Gius. Laterza, & Figli, p. 56), o ato do trabalho se torna incompreensível. Na sua análise da atividade utilitária, célula da *praxis* humana, Croce evita a análise do trabalho, que o conduziria a admitir a relação de indivisão entre *praxis* e *materialidade* (sua incapacidade de ver a relação dialética existente entre forças de produção e relações de produção, reconhecida por Marx, encontra aqui sua explicação). Compreendemos agora a crítica que lhe fazia Gramsci: seu historicismo guarda alguma coisa de especulativo, reminiscências do transcendentalismo kantiano, na medida em que as categorias formadoras da atividade humana são concebidas como princípios imóveis (Croce as compara ao “*motor imóvel*” de Aristóteles), inscritas na natureza eterna do espírito. Croce retraduziu em linguagem especulativa o materialismo histórico na medida em que, sob a influência de Gentile e de sua interpretação idealista da *praxis* marxiana, ele deu uma visão espiritualista das atividades da consciência (ele propunha a substituição do princípio sintetizado pela fórmula *adaequatio rei et intellectus*, que é efetivamente uma fórmula da ontologia medieval, mas que é também o pilar de uma gnosiologia materialista, pela fórmula *adaequatio praxeos et intellectus*, que parece o aproximar de Marx, mas que na verdade se serve da interpretação *idealista* dada por seu ex-amigo Gentile ao conceito marxiano da *práxis*, no seu livro célebre de 1899, *La filosofia di Marx*²⁶: cf. *Ultimi saggi*, ed. cit. p. 56). Lukács, tomando o trabalho como ponto de partida, como *principium movens* da atividade social, pôde demonstrar que as categorias fundamentais da atividade humana são *formações históricas*, que têm uma gênese e um desenvolvimento: a economia e o direito, a arte e a moral, a ciência e a religião têm uma gênese histórica, elas existem em relação com a função que preenchem na economia do espírito humano. A historicidade do ser e de suas categorias é o princípio fundamental do pensamento de maturidade de Lukács.

A oposição entre o método ontológico-genético de Lukács e aquele rigorosamente idealista de Croce na dedução das categorias (Croce nunca renegou completamente a herança de Herbart na sua teoria dos valores) lança uma luz particular sobre os limites da sua reforma da dialética de Hegel, assim como sobre os limites da sua filosofia em geral. Ao denegar todo valor cognitivo à ciência e às suas categorias e reconhecendo nela somente um valor *prático* ou *instrumental*, ele se uniu às tradições

²⁵ *As duas ciências mundanas, a Estética e a Economia*. (N. do T.)

²⁶ *A filosofia de Marx*. (N. do T.)

do pragmatismo e do empiriocriticismo, o pensamento de Dewey ou de Mach, e, sobre esse ponto preciso, ele encontrou paradoxalmente o pensamento de Heidegger (“*a ciência não pensa*”, dizia o último). A substância da arte é alojada por Croce na zona da ahistoricidade: a intuição lírica é “a-histórica”²⁷.

O princípio da autonomia ontológica do real (“*das Ansichseiende*”, o ser-em-si, do qual fala também Nicolai Hartmann) em relação à consciência, da autonomia das séries causais em relação às posições teleológicas, permite a Lukács não somente reconhecer o valor do princípio de causalidade, excomungado da filosofia de Croce, e afirmar o valor *cognitivo* da ciência, mas também identificar as origens da dialética na vida social; a finitude do sujeito prático e cognitivo em relação à infinitude do real, a tensão que se cria inevitavelmente entre sujeitos individuais com objetivos diferentes e uma realidade, natural e social, que os ultrapassa, é uma fonte de contradições. O último Croce acreditava poder identificar as “*origini della dialettica*”²⁸ na presença primordial de uma “*Vitalità cruda e verde, selvatica et intatta da ogni educazione ulteriore*”²⁹. Ao denominar, em outra ocasião, essa vitalidade primária de “*la forza*”³⁰, ele abria as portas a um princípio quase irracional, pois as origens sócio-históricas dessa *força* primordial, matéria das outras categorias, eram deixadas na sombra. Lukács escavava mais profundamente. Graças ao seu método ontológico-genético ele pode reconstruir a própria gênese desses interesses e conflitos (“*as paixões*” de Croce), perseguindo sua expressão, filtrada e mediada, nas formas superiores do espírito (a arte, a moral, a filosofia). A clivagem crociana entre a prática e a especulação, entre o *hic et nunc* histórico, com a urgência de seus interesses vitais e o caráter puramente contemplativo da arte e da filosofia, estava assim abolida, sem sacrificar a especificidade da autonomia de cada tipo de atividade.

Gramsci preconizava para o filósofo da *praxis* uma síntese entre o homem teórico e o militante pela emancipação social, criticando em Croce a dissociação entre os dois planos; Lukács conseguiu se aproximar desse ideal na medida em que a defesa

²⁷ Benedetto Croce, *La Poesia, Introduzione alla critica e storia della poesia e della letteratura*, 1966, Prima edizione economica, 1966, Bari, Laterza, p. 268 : “... nel forte accento posto sulla liricità di ogni poesia e di ogni arte, e perciò sul carattere storico delle loro immagini, è forse una delle principali e più sostanziali riforme introdotte nella critica italiana dopo De Sanctis...”. (“... *na forte ênfase posta sobre o lirismo de cada poesia e cada arte, e pelo caráter histórico de suas imagens, é talvez uma das reformas principais e mais substanciais introduzidas na crítica italiana depois de De Sanctis...*”, N. do T.)

²⁸ *Origens da dialética*. (N. do T.)

²⁹ “*Vitalidade crua e verde, selvagem e intocada por qualquer educação posterior*” (N. do T.), in *Indagini su Hegel e schiarimenti filosofici*, Benedetto Croce, éd. cit., p. 35.

³⁰ *A força*. (N. do T.)

dos valores absolutos do espírito não se separou, no seu caso, do combate sócio-histórico para a verdadeira *humanitas* do *homo humanus*.

Recebido em 03 de fevereiro de 2013

Aprovado em 30 de abril de 2013